

Lição 2: A razão fundamental para essas opiniões divergentes sobre geração e alteração

11. Na lição anterior, Aristóteles afirmou que a razão pela qual alguns filósofos antigos postulavam a geração como diferente da alteração, e outros não, era que alguns postulavam um princípio material e outros mais de um. Ele esclareceu acima a raiz dessa razão, mostrando como alguns postulavam muitos princípios — pois, no caso daqueles que propunham um princípio único, a exposição é mais simples. Agora, ele pretende elucidar essa razão em si mesma. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele manifesta a razão;

Segundo, ele a objeta, em 14.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele elucida a referida razão quanto àqueles que postulam um princípio;

Segundo, quanto àqueles que postulam vários princípios, em 13.

12. Ele diz, portanto, primeiro [11] que todos os filósofos que afirmam que todas as coisas são produzidas a partir de um princípio material são forçados a dizer que geração e corrupção são o mesmo que alteração. Pois eles postulavam que seu princípio material único era algum ser atual, como fogo, ar ou água; também postulavam que ele era a substância de todas as coisas geradas a partir dele. E assim como a matéria sempre persiste nas coisas feitas de matéria, eles disseram que esse sujeito permanece um e o mesmo. Ora, dizemos que uma coisa é alterada quando, permanecendo a substância da coisa em ato, ocorre alguma variação com relação à forma. Segue-se, portanto, que não pode haver mudança chamada simplesmente geração e corrupção, mas apenas alteração.

Nós, por outro lado, declaramos que há de todas as coisas geráveis e corruptíveis um primeiro sujeito, que, no entanto, não é um ser em ato, mas em potência. Portanto, quando seu primeiro sujeito adquire uma forma pela qual se torna um ser em ato, isso é chamado de geração simples. Mas diz-se que é alterado quando, após ser feito um ser em ato, adquire qualquer forma adicional.

13. Em seguida [12], ele elucida a razão acima mencionada quanto àqueles que postularam vários princípios. E diz que aqueles, mencionados acima, que atribuem muitos tipos de princípios

materiais, devem dizer que a geração difere da alteração. Pois, segundo esses filósofos, a geração ocorre quando esses princípios materiais se combinam em um; quando são separados, ocorre a corrupção. Daí Empédocles afirma que a "natureza", i.e., a forma, de um corpo composto de elementos não é nenhum dos elementos (pois não é da natureza do fogo, da água ou dos outros elementos), mas é unicamente uma "mistura", i.e., consiste unicamente em uma certa natureza "mista", e a privação oposta consiste na separação do que estava misturado. E como algo é dito ser gerado quando adquire sua natureza apropriada, eles postularam que a geração resultava da agregação, e a corrupção da separação. Mas a alteração, disseram eles, ocorre apenas através da transmutação, como será explicado mais adiante. Portanto, uma vez que esta explicação se ajusta à sua suposição, e eles de fato falam assim, é evidente que eles falam sobre a diferença entre geração e alteração como foi dito.

14. Em seguida [13], ele refuta o que foi afirmado, com respeito àqueles que postulam vários princípios, pois aqueles que postulam um único princípio chegam à conclusão necessariamente uma vez que sua raiz é suposta. Sobre isso ele faz duas coisas:

Primeiro, propõe o que pretende, e diz que aqueles que postulam muitos princípios devem admitir que a geração é diferente da alteração, como foi dito. No entanto, isso é impossível de manter em consistência com o que eles dizem, como será facilmente visto a partir do que se segue.

Em segundo lugar [14], ele elucida sua proposição com dois argumentos. Quanto ao primeiro, ele apresenta uma analogia e diz que, assim como, enquanto a substância "repousa", i.e., permanece, vemos ocorrer nela uma mudança quanto ao tamanho, chamada "crescimento" e "decréscimo", assim também com a alteração, que é um movimento segundo a qualidade. Pois assim como a quantidade se baseia na substância, também a qualidade. Mas, de acordo com o que é postulado por aqueles filósofos que assumem muitos princípios, é impossível que a alteração ocorra dessa maneira. Pois eles dizem que as "paixões", i.e., as qualidades passíveis, com respeito às quais afirmamos isso, a saber, que a alteração ocorre, são as diferenças próprias dos elementos, a saber, quente e frio, branco e preto, seco e úmido, mole e duro, e assim por diante. Por exemplo, Empédocles afirmou que o "sol", i.e., o fogo, já que ele postulava que o sol era da natureza do fogo, é visto como branco e quente; a "chuva", i.e., a água, é vista sempre como escura, fria e nublada, como é evidente pelo escurecimento do ar quando chove. Ele explicou as outras paixões de maneira semelhante, atribuindo-as aos elementos.

Eles disseram que não era possível que a água fosse produzida a partir do fogo, ou a terra a partir da água, ou que qualquer um dos elementos fosse convertido em outro de qualquer maneira. Pois eles não postularam tais elementos como compostos de matéria e forma, de modo que da corrupção de um, outro pudesse ser gerado. Em vez disso, eles os postularam como matérias primeiras que não seriam resolvidas em algum sujeito primeiro. Mas tudo o que deve ser convertido em outra coisa deve ser resolvido em algum sujeito primeiro. Ora, é impossível que os acidentes próprios de uma coisa estejam em qualquer lugar que não seja em seu sujeito próprio. Portanto, se "quente" é o acidente próprio do fogo, e "frio" da água, "quente" só pode ser encontrado no fogo e "frio" apenas na água, e assim por diante para os outros. Se, portanto, o fogo não pode vir a ser a partir da água, nem um elemento a partir de outro, então o preto não pode vir a ser a partir do branco, nem o duro a partir do mole. E o mesmo vale para todas as outras qualidades desse tipo. Consequentemente, já que a alteração ocorre apenas quando uma ou outra

dessas qualidades varia em um mesmo sujeito, não existe tal coisa como alteração. Portanto, eles não têm fundamentos para postular uma diferença entre geração e alteração.

15. Ele apresenta o segundo argumento [15] e diz que é necessário, em qualquer movimento, supor uma natureza para os contrários que são os termos do movimento, a saber, se algo está sendo transmutado com respeito ao lugar, ou crescimento e decréscimo. Da mesma forma, isso deve ser assim na alteração, a saber, que se há alteração, haja um sujeito e uma matéria para todas as coisas que têm tal mudança mútua, e que, se aquelas têm um sujeito quando a alteração é procurada, segue-se que há alteração. Mas, uma vez que os pensadores acima mencionados não postulam um sujeito para todas as qualidades envolvidas na alteração, mas vários, eles não podem postular a alteração. Consequentemente, eles dizem infundadamente que a alteração é diferente da geração.

Este argumento difere do primeiro por declarar a causa universal do termo médio usado no primeiro.

16. Em seguida [16], ele disputa contra Empédocles em particular, com dois argumentos. No primeiro deles, ele declara que Empédocles parece estar em desacordo não apenas com o que nossos sentidos revelam, a saber, o fato de que vemos o ar vir a ser a partir da água e o fogo a partir do ar, mas ele parece contradizer a si mesmo também. Pois, por um lado, ele diz que nenhum elemento é gerado a partir de outro, mas todos os outros corpos "elementados" são compostos deles; e, por outro lado, ele diz que antes de este mundo presente ser gerado, toda a natureza das coisas foi reunida pela Amizade em um só, sem a Discórdia, e que cada um dos elementos e também cada um dos outros corpos veio a ser a partir daquele um através da influência da Discórdia, separando as coisas. Disto é evidente que, através de certas diferenças e paixões dos vários elementos, foi realizado pela Discórdia a partir daquele um que uma coisa fosse água e outra fogo.

E ele dá um exemplo das "diferenças e paixões" — assim ele [Empédocles] diz que o "sol", i.e., o fogo, é branco e quente e leve, mas a terra é pesada e dura. Disto, é evidente que tais diferenças são adquiridas recentemente pelos elementos. Ora, o que é adquirido recentemente pode ser removido. Portanto, já que essas diferenças são removíveis na medida em que são recentemente engendradas, é evidente que, uma vez removidas, é necessário que a água seja feita a partir da terra, e a terra a partir da água, e, em geral, cada elemento a partir de algum outro — e isso não apenas "então", i.e., no início do mundo, mas também agora, ocorrendo através da mudança das paixões.

Que tal transmutação de paixões pode ocorrer, ele prova de duas maneiras. Primeiro, pela própria natureza dessas paixões. Pois, pelo que Empédocles diz, segue-se que elas podem ser recentemente adquiridas, por exemplo, quando a Discórdia separa, e então ser separadas dos elementos quando a Amizade une. Ele prova de outra maneira pela causa dessas paixões, porque mesmo agora [suas causas, a saber] Amizade e Discórdia, são contrárias uma à outra. E, portanto, "então", i.e., no início do mundo, os elementos foram gerados a partir do um, com as diferenças sendo adquiridas, pois não se pode dizer que fogo, terra e água, como existentes atuais, pudessem constituir o todo uno.

17. No segundo argumento [17], ele diz que não é certo se Empédocles deveria ter postulado um princípio ou muitos, embora ele de fato tenha postulado muitos, a saber, fogo e terra e outras coisas que coexistem com eles. Ele diz que é incerto porque, na medida em que se supõe alguma coisa una a partir da qual, como de matéria, fogo e terra e água vêm a ser através de alguma transmutação causada pela ação separadora da Discórdia, parece que há um elemento. Mas na medida em que essa coisa una resulta da composição dos elementos que se reúnem em um através da Amizade, e eles, a saber, os elementos, vêm a ser a partir daquele um através de uma certa dissolução causada pela Discórdia, parece antes que esses quatro são elementos e são anteriores por natureza. E embora esta fosse mais a ideia de Empédocles, postulando coisas como produzidas através da Amizade e da Discórdia, Aristóteles prova, no entanto, no argumento anterior, que os elementos são produzidos não apenas pela separação, mas também por uma certa mudança com a chegada das diferenças dos elementos. Disto segue o contrário do que Empédocles pretendia; a saber, que o um é mais princípio [do que eles].

Revision #2

Created 3 October 2026 21:37:58 by Admin

Updated 3 October 2026 21:47:37 by Admin